

SAPERE AUDE**EDITORIAL****DOSSIÊ: VIOLÊNCIA, DISCURSO E PODER*****Sapere aude* – v. 8, n. 16, p. 319-321, Jul./dez. 2017 – ISSN: 2177-6342**

A violência é um fenômeno presente em todos os tempos e lugares; mas o que o homem realmente almeja é a paz. Semelhante anseio pela paz parece acompanhar as sociedades desde suas origens. Em se tratando especificamente do Ocidente, isso se manifesta nas constantes lutas contra tudo o que não comporta a realização do homem e do mundo em consonância com suas propriedades constitutivas. Homem e mundo devem se tornar o que são. Assim, em vários registros – filosófico, antropológico, psicológico, biológico, religioso, político-social – cada qual ao seu modo, a paz mundial emerge como um *telos* cujas características se adequariam com certa precisão ao que se pode esperar das relações existenciais da humanidade. Entretanto, não se consegue atingir tal completude sem os constantes esforços do homem. Na maioria das vezes, trata-se de uma tarefa diária no afã de se conquistar um *telos* cujo vislumbre merece todo o cansaço e energia possíveis. De acordo com essa configuração, o homem é convidado a lutar pela paz, opondo-se à violência. A conquista da paz se confirma através do exercício constante em resguardar o que é essencial, em respeitar as diferenças periféricas e em evitar a violência. Não obstante notáveis variações, esse tema é recorrente na história do pensamento ocidental até nossos dias. Mas ainda é possível perguntar: o que é violência?

Tornou-se comum considerar a violência como uma ação contrária à ordem da natureza ou ao ordenamento jurídico ou moral. Mais propriamente, trata-se de uma invasão precipitada no espaço e tempo de alguém. Do termo latino *vis* (força), a palavra violência remete ao uso exagerado de força, invadindo, sem qualquer respeito, o terreno vital de outrem. Mas, nesse caso, não estaríamos diante de uma definição demasiado negativa em que a violência aparece como espécie de defeito no ser, uma deficiência no bem, uma falta? Mas, se é assim, a violência, contra a qual devemos lutar para alcançar a paz, é, em si, sem essência, é não real já que é “deficiência em”. Não terá ela uma essência própria que justifique a sua constante presença em todos os tempos e lugares?

Semelhante concepção remonta à solução agostiniana, segundo a qual a violência é um mal porque é uma ação contrária à ordem da criação. Influenciado pelo platonismo, para Agostinho o mal não é um ser, mas uma privação, um limite ou deficiência; trata-se de uma carência de bem. Mais propriamente, a violência origina-se de uma deficiência do livre-

arbítrio o qual, por si só, é um bem. Assim, a violência será um movimento defeituoso, e todo defeito provém de uma espécie de privação, de carência de ser, de um não ser.

Na perspectiva agostiniana, que ainda em nossos dias influencia a reflexão sobre a violência, seria impossível imaginar que alguém queira a violência por si mesma; é possível apenas pretender o bem de se sentir capaz de destruir, de se promover a violência. Nesse sentido, a violência não age propriamente, já que é certa privação da paz, do bem. Em outras palavras, a ação dita violenta só é caracterizável acidentalmente, quando está unida ao bem, à paz. Assim, no anseio de lutar pela paz, o homem parece se desviar do risco de encarar a violência como tal.

Ao que parece, considerar a violência como privação, como uma ação contrária à ordem da natureza ou ao ordenamento jurídico ou moral, é insuficiente. A deficiência de tal definição se estriba, por um lado, na prudência do *logos* clássico e da *ratio* moderna em considerar a violência como não ser. O *logos* e a *ratio* não suportam o que não é; por outro lado, na eficiência positiva e formal de normas e leis que não se preocupam com as origens do vivido real.

Mais recentemente, a violência tornou-se tema de destaque em várias disciplinas e em diferentes dimensões: na psicologia, com *Anatomia da destrutividade humana* de E. Fromm; na biologia, com *A agressão: uma história natural do mal* de K. Lorenz; no registro do sagrado, com *A violência e o sagrado* de R. Girard; no âmbito da antropologia crítica e nas políticas culturais do moderno Estado-nação, com *Antropolgia da violência* de F. Dei. No registro especificamente filosófico, ressaltam-se os textos de J. Derrida, *Violence et métaphysique*, e de G. Vattimo, *Metafísica e violenza*, nos quais a metafísica é responsabilizada por estabelecer historicamente, desde os gregos, um modo ocidental de pensar essencialmente violento, assim, ao buscar pela segurança e ao lutar contra a violência, o discurso metafísico acaba fazendo perpetuar tanto a insegurança quanto a violência. Hannah Arendt, por sua vez, tornou famoso o tema com seu texto *Sobre a violência* ao considerar a violência como um instrumento que pertence à esfera política das coisas humanas; a violência se distingue pelo seu caráter instrumental e é governada pela categoria meios/fins. Outro grande filósofo que se dedica ao tema da violência é E. Weil. Em seu livro *A lógica da filosofia*, ele sustenta que a violência é “original, radical e irreduzível”. Significa dizer que no intento de eliminar a violência, os discursos são violentos e nascem da violência porque, enquanto coerentes, assumem uma postura rígida em detrimento de outras posturas possíveis. É preciso portanto encarar a violência como violência. São estudos que tentam evitar a perspectiva agostiniana de se conceber a violência como mera falta, carência ou deficiência do ser. Nos estudos mais recentes, observa-se uma tendência em conceder à violência uma valência ativa e uma definição

mais positiva; em todos os casos, tal fenômeno emerge como inerente ao ser, uma realidade própria da vida. Mas, se é assim, como conquistar a paz? Como será possível evitar a violência?

Segundo Paul Gilbert, a violência não é para ser evitada. Suas reflexões conseguem caracterizar o fenômeno da violência de modo positivo, enquanto potência vital, possibilitando uma leitura ontológica do tema em questão. Em seu texto *Violence et compassion*, Gilbert considera a violência inerente a qualquer potência vital que passa ao ato; ela manifesta um estado comum à humanidade, reconhecido como insuperável e efetivamente não superado; ela é um fenômeno constitutivo de todo “esforço de ser”, uma *enérgeia*, um *conatus*, um transcendental, a exemplo do *uno*, do *verdadeiro*, do *bom* e do *belo*. Tudo na nossa vida, diz Paul Gilbert, “se revela violento, porque tudo lá é força, imposição de sua energia, luta pelo ganho de posse de um espaço novo. Em outras palavras, a vida é expansiva por essência”, por isso, é essencialmente violenta. Aqui, a violência emerge então positivamente; ela não é mera ausência ou deficiência de ser; é real e se faz presente em todo “ato de ser”. Enfrenta-se aqui a impossibilidade de se eliminar a violência, já que ela se identifica com o próprio “esforço de ser” de tudo o que é. Eliminar a violência será o mesmo que eliminar o ato de ser. Assim, opor-se à violência só é possível com uso de violência, do mesmo modo que lutar pela paz mundial é igualmente violência.

Mas, se a violência não pode ser evitada, se ela é um *transcendental*, nós não estaríamos condenados aos seus efeitos desastrosos? Se a violência é própria de todos os atos, inclusive dos atos de liberdade, como amenizar o sofrimento das vítimas que ela causa? Como promover a paz, se todo esforço de paz já um ato de violência?

A esse ponto, torna-se cara a reflexão sobre a “economia de violência”. Resta-nos optar pela “violência menor”. Não se trata mais de se eliminar a violência, mas, sem dissimulação, encarar a violência como realidade de todo “esforço de ser” e buscar, no evento, pela violência menor. Mas aqui não se anuncia outro *telos* calculado racionalmente? Não. A busca pela violência menor deve se dar no *evento* e não na proposição de uma meta ideal a ser atingida. O evento é paciente, deixa-se penetrar pelo afeto das circunstâncias, sem imposição de metas. No evento, os *teloi* se dissolvem e dão lugar ao *pathos* do existir afetivo. Os afetos, em si, não exigem *telos*; eles se dão. Abre-se, aqui, como se pode notar, excelente espaço para se reconsiderar a vivência do amor e do perdão como modos de se encarar a vida e, sem o domínio da formalidade do *logos*, fazer experiência da afetividade, das “boas paixões” em oposição aos excessos de violência em nosso meio.

Ibraim Vitor de Oliveira